

• Reportagens

• Artigos

• Notas

• Eventos

ANUNCIE AQUI

Voz do Paraná

Telefone
(41) 271 1701

Email:
vozdoparana@uol.com.br

E = mc²

A famosa *teoria da relatividade*, de Albert Einstein, é uma teoria de teorias. Sua importância é tamanha, que o estudo dela não só revolucionou a física moderna, mas possibilitou, ainda que apoiada por *fatos*, também interpretações filosóficas, ao suscitar considerações de natureza epistemológica que, por sua vez, originaram questões de índole ontológica que estão não apenas sobrepostas, mas enlaçadas com ela.

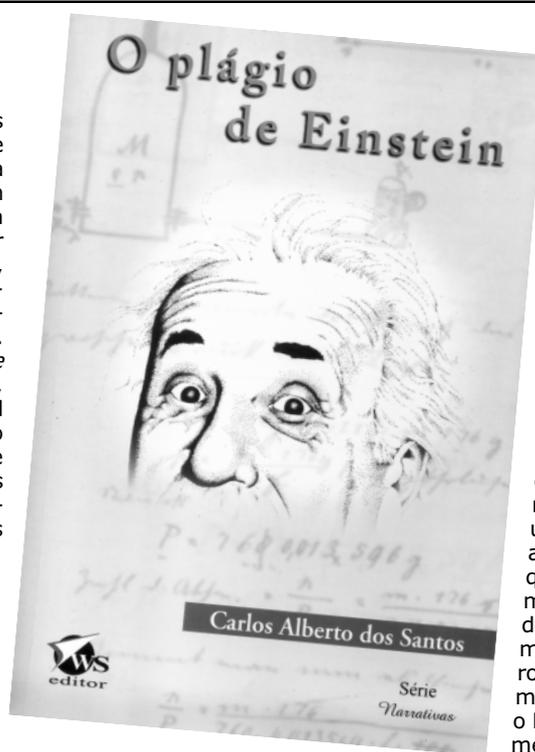
Ainda que tenha estabelecido as bases para uma explicação totalmente nova do universo, o autor dessa teoria foi acusado de plágio. É a partir dessa circunstância de natureza ética que se desenvolve o livro *O plágio de Einstein*, novela de Carlos Alberto dos Santos (Porto Alegre, WS Editor, 2003), revisitando alguns conceitos que favorecem discussões como as relações entre ciência e literatura, plágio, filosofia, ética.

O plágio de Einstein é um livro de ficção. Mesmo retratando parte da vida de Albert Einstein, e ainda que esse aspecto esteja envolvido pela realidade, digamos, *verdadeira*, Albert Einstein, um físico de exceção, um homem genial, cuja existência apresenta aspectos extraordinários, tem contra si o peso dessa perturbadora acusação. O cientista amador italiano Olinto de Pretto publica, em 1903, um estudo com a equação $E = mc^2$ dois anos antes de Einstein haver publicado seu trabalho com base nessa formulação, sem que o físico alemão indicasse as fontes ou qualquer outro elemento de referência. Com esses componentes, o físico e escritor Carlos Alberto dos Santos retoma a história pessoal de Einstein jovem e procura estabelecer as relações entre os fatos e o enigma que eles representam.

Resulta disso a coincidência de duas realidades, sendo a primeira a de buscar razões alusivas ao plágio; a segunda, a tradução disso como um modo de fazer nascer uma nova consciência que possibilita ao leitor se libertar da realidade *verdadeira*, entrando no mundo da arte, vale dizer, da literatura, eis que a liberdade imaginativa fica além da mimese. É importante notar que *O plágio de Einstein*, como concepção literária, fornece processos formais de tal modo interessantes, que o livro pode ser lido como se se tratasse de uma novela policial. Os arranjos que faz o autor revelam essa preocupação na construção dos vários *personagens*, apresentando a existência de manuscritos, sua autenticidade (ou não) com a análise da tinta com a qual foram escritos, além do surgimento de falsários e seu desmascaramento.

Na elaboração de sua novela, Carlos Alberto dos Santos combina a forma narrativa com evidente preocupação no equilíbrio entre a expressividade ficcional e o nível de representação das situações objetivas, dando-lhes um toque de naturalidade e de espontâneo convívio não só com as conseqüências do suposto plágio, mas também com os valores exigidos por essa mescla de escrita sobre base tão heterogênea.

A propósito do plágio não é excessivo trazer à baila a obra de William Shakesperare, seguramente um dos autores culminantes do mundo moderno. No entanto, diz um crítico inglês que, em 6049 versos de Shakespeare, 1777 haviam sido tomados integralmente de autores precedentes, 2373 tinham sido modificados e somente 1899 poderiam pertencer ao bardo inglês. Sabe-se que ele freqüentemente aproveitava textos de outros autores. Apesar disso, não é possível



negar o caráter pessoal e artístico que imprimiu a sua obra.

A questão que sobrevive à leitura de *O plágio de Einstein*, no entanto, não é a de Albert Einstein valer-se de elementos não referidos na elaboração de sua teoria, mas o fato de que seu trabalho se tornou excepcionalmente relevante. O autor de *O plágio de Einstein* mostra que o que realmente importou, na história dessa famosa equação, foi apenas a lealdade de certas pessoas para com a memória de Olinto de Pretto, morto e esquecido.

Torna-se significativa a publicação de *O plágio de Einstein*, de Carlos Alberto dos Santos, porque o livro recupera a leitura de certos valores que, restritos a sua circunstância específica, vêm a luz: em nenhum momento o autor se acha

desfigurado por qualquer tendência doutrinária. O que se pode acrescentar, no fim de tudo, é o fato de que qualquer situação, de específica natureza, seja científica, histórica ou social pode ser contestada. Somente a literatura resiste à modificação. Conforme Umberto Eco, a verdade está na literatura, eis que é ela que define o real a partir de uma desrealização que a obra de arte faz: qualquer leitor crê firmemente que Clark Kent é, de verdade, o super-homem, que Dom Casmurro, sem dúvida, viveu e morreu por Capitu, que o Lobo Mau, de fato, comeu a vovozinha. Falta acrescentar que o *personagem* Albert Einstein, por meio deste *O plágio de Einstein*, é também *mais* verdadeiro do que o físico, porque aquele é uma construção literária. Assim, o mundo fictício da literatura é mais verdadeiro do que a realidade cotidiana, mistificada pela necessidade natural. Acredito que é por esse viés que o livro pode ser lido.

Volnyr Santos ●
Doutor em Teoria da
Literatura pela PUCRS
Professor de Literatura
Ex-diretor da Biblioteca Pública do
estado do Rio Grande do Sul

SERVIÇO

O plágio de Einstein, Carlos Alberto dos Santos, WS Editor (ISBN 85-7599-029-2). Contato: (51) 3219 5939 e www.wseditor.com.br

Deixe a sua biografia mais interessante.

Livros, CDs, DVDs e muito mais.


Livrarias Curitiba